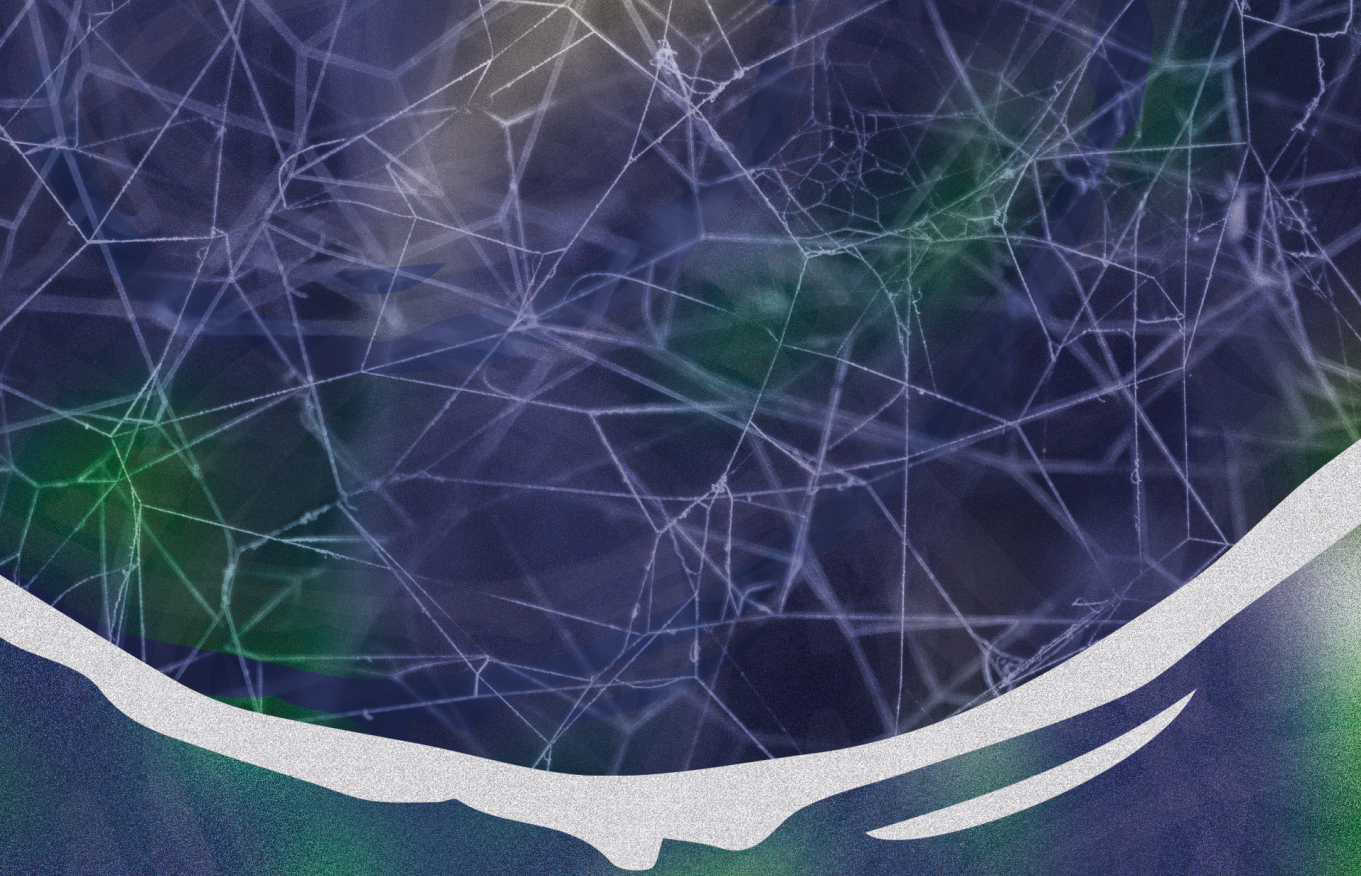


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 1 – Trajetórias

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus

Railane Lima de Almeida

Lembro-me muito pouco da minha família biológica e de fazer parte dela. Lembro-me de minha mãe comigo no colo, em uma barraca improvisada no meio da rua. Ela não tinha trabalho e só tem o ensino fundamental completo. Sobre meu pai, sei muito pouco. Ele não ajudava a minha mãe na nossa criação e era envolvido com drogas, ele as vendia. Nessa época, eu tinha quatro anos e quatro irmãos, mas não sei bem dizer a quantidade de meninos e meninas. Aos cinco anos, eu levei um tiro de bala perdida. Após o meu pai dever dinheiro para um traficante e eles trocarem tiros, uma das balas me atingiu enquanto eu estava no colo da minha mãe. Ela ficou com uma ferida, já que a bala passou de raspão em sua pele enquanto ela tentava me proteger. Depois desse incidente, a minha vida mudou.

Uma série de fatos aconteceu após isso. A minha mãe perdeu a minha guarda e a dos meus irmãos. Eu passei por uma cirurgia para tirar a bala, fiquei com um problema de saúde chamado bexiga neurogênica e tive que começar a usar sonda de alívio para conseguir urinar normalmente, já que eu tinha perdido a capacidade de controlar o ato de fazer xixi. Fiz outra cirurgia para aumentar a bexiga, que durou oito horas, e continuei fazendo o acompanhamento no Hospital da Criança de Brasília – HCB, já estando em um abrigo.

Com cinco ou seis anos, fui adotada por um casal. Minha mãe vem de uma família muito pobre e que dava muito valor à escola. A minha avó trabalhava na parte da limpeza nas escolas e o meu avô era guarda. Eles tiveram oito filhos, em sua maioria homens: cinco homens e três mulheres. Minha mãe e minha tia são professoras da secretaria, a minha outra tia é técnica em enfermagem concursada, um tio é policial, outro é secretário e os meus outros tios estão desempregados. Sobre o meu pai, eu não sei muito, pois, após a minha adoção, eles se separaram. Ele vem de uma família extremamente pobre também e na qual o estudo não era um tópico importante, e sim o trabalho, tanto que ele trabalha desde os oito anos. Além do mais, é pedreiro e só tem o ensino fundamental incompleto, mas aprendeu a ler e escrever com as interações com os outros na rua e sozinho.

Enquanto eu escrevia esse fato sobre meu pai, eu me lembrei na hora de Brandão (1985). Em seu texto, esse antropólogo e educador diz que não há um único modelo de educação e

que a escola não é o único lugar onde você vai aprender. O professor não é o único pedagogo, estamos diariamente aprendendo com experiências dentro e fora de salas de aula.

Quando a minha mãe me colocou na escola, eu me recordo de ter muita dificuldade. Eu estava atrasada porque eu não sabia ler nem escrever, quem me ensinou foi ela. Seu método não era dos melhores, ela usava muita a força e as famosas Havaianas 35/36 em cima da mesa.

Sempre fui o tipo de aluna que tinha bastante dificuldade e que tinha que estar a todo o momento estudando e revisando a matéria. Desde o início da minha adoção, a minha mãe falava da UnB e que eu tinha que passar. Primeiramente porque ela não sabia se ela teria dinheiro para pagar uma faculdade para mim e, em segundo lugar, porque os meus primos já estudavam lá (filhos da minha tia, técnica em enfermagem). Carol fazia Biologia e o Leonardo, Jornalismo. Eu sempre era comparada com os dois, então, desde cedo, tinha uma pressão muito grande sobre mim. Portanto, desde que eu me conheço por gente, eu estudo para passar na faculdade, especificamente na UnB.

No meu ensino fundamental, eu sofri muito racismo e preconceito. Estudava em uma escola particular chamada Alub e tinha muita dificuldade em absorver o conteúdo, mas sempre fui muito esforçada, tanto que os meus professores diziam que a solução para a minha dificuldade era focar mais nas aulas e estudar mais em casa. Mas eu tive uma professora muito marcante no ensino fundamental. Ela ia além da sala, fazia questão de entender a história do aluno, dava muito valor a coisas que os alunos faziam. No meu caso, eu desenhava muito bem e ela sempre foi uma professora que incentivava muito nossos talentos. Tínhamos um tempo na aula que era só para curiosidades e interagir uns com os outros.

No meu primeiro ano lá, eu estava fazendo o 6º ano e fiquei de recuperação em cinco matérias no bimestre, mas passei. Quando eu estava no 8º ano, a minha mãe não teve mais condições de pagar uma escola particular para mim. Após os casos de *bullying* e racismo aumentarem e minha mãe conversar com a psicóloga da escola, ela decidiu me mudar para uma escola pública, já que não estava tendo condições também.

Chegando na escola pública, o Centro de Ensino Fundamental – CEF 12, eu mudei completamente. A forma de ensino era diferente, havia pessoas com quem eu me identificava, enquanto na outra só tinha quatro alunos negros no meu turno. Na escola pública, o conteúdo era um pouco atrasado, mas eu me lembro de estar acompanhando as aulas juntamente com a turma. Na outra escola, eles estavam muito adiantados e eu não conseguia ter o mesmo desempenho que os outros alunos. Fiz do nono até o ensino médio.

Como sendo uma das únicas alunas negras de uma escola particular, eu me via no dever de ser uma das melhores alunas, como se eu tivesse que mostrar que somos capazes e mostrar certa gratidão em estar em um espaço que dizem que não é para a gente. Vale lembrar que estamos em uma sociedade em que existem educações diferentes para classes sociais diferentes. A minoria para eles não devia ter educação e estar em algum lugar de certo poder.

Como Brandão diz, a educação pode mostrar um poder e deixar mais clara a desigualdade entre os homens. O fato de eu estar em uma escola particular pode mostrar que eu estou na frente de muita gente. A escola particular tem um ambiente mais controlador,

uma educação mais bancária, poucas vezes a sua voz vai ter uma importância e vão te fazer refletir sobre a diversidade, a sociedade em que estamos. Mas é um espaço no qual há mais condições, e trata-se de uma realidade diferente da pública, a qual não tem tanto investimento. Apesar disso, tem mais minorias e diversidade, além de ser um local em que há mais debates, por ser um espaço de resistência. Os professores fazem questão de mostrar em que espaço estamos na sociedade, para continuemos lutando.

Continuei estudando para o vestibular e o Enem. Fiz o ensino médio no Cemab e eles pegavam os conteúdos e obras que caíam no vestibular. Fiz o Enem em 2021 e passei na UFRJ, UFU e ganhei 50% de desconto no IESB, todos para Pedagogia, mas ainda não tinha saído a nota do Programa de Avaliação Seriada – PAS da UnB e por isso eu acabei nem indo. Se não me engano, um ou dois meses depois, a nota saiu e eu tinha passado para Pedagogia para o 2º semestre. Quando eu vi na primeira chamada que eu não tinha passado, eu chorei muito e tinha me achado uma fracassada e sem futuro, sendo que era só uma questão de tempo. Na época em que eu estava esperando o resultado, eu estava fazendo um curso técnico em enfermagem que eu tinha começado no 2º ano do ensino médio. Além disso, eu tinha acabado de terminar um curso de inglês e estava fazendo espanhol no Centro Interescolar de Línguas – CIL.

Hoje em dia, encontrei a minha mãe biológica e tenho oito irmãos, alguns na escola e os mais velhos no trabalho. Sou a única filha que faz um curso superior. Eu me sinto um pouco pressionada para poder ajudá-los, já que para mim a educação transforma vidas e é um privilégio. Todas as vezes que eu os vejo, eu falo como é importante levar o estudo a sério. Fazendo esse curso de Pedagogia, penso constantemente em que tipo de professora eu quero ser. Já sei que quero ser aquela que se importa com o meio no qual o aluno está e vou tentar ajudar de qualquer forma. Não pretendo ser aquela professora que vê a educação de uma forma etnocêntrica.

O etnocentrismo “é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência” (Rocha, 1984, p. 5). Quero mostrar que não somos o centro do mundo, que existem outras culturas e que podemos aprender com elas. Por meio de um trabalho antropológico, quero ressaltar o cuidado de olhar o outro e ver as suas complexidades.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO